

Martin Goodman, Rome and Jerusalem, The Clash of ancient civilizations. Londres, Penguin, 2008, 640 pp., ISBN 9780140291278.

PEDRO PAULO A. FUNARI
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

MARTIN GOODMAN APRESENTA UMA TRAJETÓRIA intelectual que se torna, nas últimas décadas, cada vez mais generalizada, em busca da diversidade no mundo antigo. Goodman notabilizou-se pelo estudo tanto das fontes gregas e latinas, como das hebraicas e aramaicas, tendo aproximado campos de investigação que pouco contato mantiveram entre si. Isto se devia a diversos fatores, dentre os quais a advertência corrente: *rabbínica sunt, non legentur* (são coisas de rabino e não devem ser lidas). Além disso, o predomínio de visões monolíticas da sociedade enfatizava a coesão social e desconsideravam a diversidade social e cultural. Os modelos normativos, com sua visão de que tudo era arrego ou desvio de comportamento, foram criticados e começaram a ser explorados temas identitários, os conflitos e a diversidade em geral. Foi nestas circunstâncias que floresceram estudos, agora já consolidados, atentos à variedade e aos conflitos. Este volume, pelo seu próprio título, dá toda a atenção a essas inquietações e pinta um quadro detalhado e complexo das relações étnicas no mundo romano.

Goodman começa o seu relato com a destruição do Templo de Jerusalém, como prelúdio para o estudo detalhado dos antecedentes e das conseqüências. Após essa breve introdução, seguem-se três grandes partes: o mundo mediterrâneo, romanos e judeus e o conflito. Em cada um dos capítulos que compõem as três partes, sucedem-se análises contrastivas entre as perspectivas e expe-

riências de romanos e de judeus. Cada uma delas, por sua parte, vem apresentada em sua variedade e conflitos internos, de modo que ambos os grupos étnicos se mostram em suas contradições, conflitos e constante mudança. Na primeira parte, o autor retoma a narrativa sobre Roma e Jerusalém, enfatizando tanto os pontos de semelhança, como a relação com as culturas gregas, quanto de diferença. Em seguida, aparece como o mundo sob domínio romano funcionava, sem hesitar a usar a evidência arqueológica para propor a existência de um mercado comum, em direta oposição aos modelos weberianos. Goodman menciona, na mesma linha, linhas de valores culturais reconhecidos, mais do que compartilhados. Em sua narrativa, percorre, com frequência, a modernidade e como os usos do passado são fundamentais para que se possa estudar a Antiguidade. A primeira parte conclui-se com um capítulo sobre diversidade e tolerância.

A segunda parte contrasta, de forma programática, romanos e judeus, a partir de seis aspectos: identidades, comunidades, perspectivas, estilos de vida, governo e política. O conceito de fluidez das identidades, sempre no plural, pulula e ressalta que não havia valores compartilhados por todos. Ele descreve comunidades diversas, *res publica* e *theokratia*, ressalta como laços de sangue eram mais considerados por judeus e desconsiderados por romanos, sempre abertos à adoção. As perspectivas e estilos de vida, assim como os governos, revelam como um conceito como a paz podia possuir sentidos muito diferentes, entre uma trégua (*pax*) e uma amizade entre todos os seres vivos (*shalom*). A segunda parte finda com um balanço sobre as relações entre romanos e judeus. Antes de 66 d.C., não havia hostilidade consistente dos romanos. O restante do volume procura entender como isso foi alterado e quais as conseqüências.

O estudo do conflito inicia-se com os antecedentes, a partir de 37 a.C. Considera que as divisões na sociedade judaica eram profundas e que elas estiveram na origem do conflito aberto entre judeus e romanos. Havia terrorismo no interior da sociedade judaica, mais do que reação a Roma. Segundo sua interpretação, as motivações primeiras das tensões sociais na Judéia estavam nos conflitos de classe internos, tendentes a ações revolucionárias. Não subestima, tampouco, os conflitos intercomunitários na diáspora, entre judeus e outras etnias, usando a palavra pogrom. Considera que a guerra foi o resultado de uma sucessão de acasos ou coincidências, como as maquinações da política imperial. A destruição do Templo por Tito derivou de uma combinação de acidentes. Descreve os conflitos entre 70 e 135 d.C. e como os judeus passaram a ser hostilizados pelas autoridades romanas e por grupos como os cristãos. Detém-se na criação de uma nova Jerusalém e uma nova Roma (Constantinopla).

O capítulo conclusivo, sobre as origens do anti-semitismo, explicita os argumentos e motivações do volume. Pergunta-se o motivo de o mundo romano, à época de Constantino, ter se tornado tão adverso aos judeus e ao judaísmo, em relação à época de Jesus, três séculos antes. Àquela época, judeus ofereciam no Templo votos pela saúde do imperador; era o período da *felicitas Iudaeae*. A tradicional tolerância das autoridades romanas foi colocada em cheque, quando da revolta em 66 em Jerusalém. As ações precipitadas de Céstio Galo levaram à escalada, sítio e destruição de Jerusalém em 70. As razões para a demonização dos judeus, a partir daí, foram políticas, na medida em a dinastia dos flávios se havia constituído com a destruição do Templo e com a derrota dos judeus. Os imperadores não puderam mudar o discurso. Os cristãos, por sua parte, desvincilharam-se de suas origens judaicas e, a partir do século II, adotaram a linguagem das autoridades romanas, ao atacarem os judeus. Estes sempre foram um grupo heterogêneo, com divergências sobre suas crenças e práticas. Foram, no entanto, vistos como um grupo étnico monolítico. Para os cristãos, assim como para os romanos, tornou-se impensável, por dois milênios, até a criação de Israel, em 1948, permitir que os judeus tivessem uma entidade política. O surgimento do movimento nacionalista italiano, em meados do século XIX, conhecido como *Risorgimento*, inspirou a proposta de uma nação judaica moderna. A criação de Israel liga-se, assim, àqueles acontecimentos do primeiro século d.C., como possível superação dos preconceitos disseminados na Antiguidade.

Nem todas as propostas analíticas de Goodman serão aceitas, claro, mas alguns dos seus argumentos centrais são muito sintomáticos da nossa condição pós-moderna. Em primeiro lugar, Goodman relaciona a diversidade e a tolerância, ou respeito à pluralidade de pontos de vista e estilos de vida, ao estudo do passado. A História Antiga mostra-se relevante para a compreensão da atualidade, mas esta também depende de uma observação do mundo antigo. Por fim, mas não menos importante, demonstra como interpretações variadas trazem o que há de melhor na historiografia: a capacidade de reflexão crítica sobre o mundo.